

ARTHUR DANTO E SEU DERRADEIRO OLHAR SOBRE A
DEFINIÇÃO DE ARTE¹

Arthur Danto and His Ultimate Look at the Definition of Art

Anderson Bogéa²

RESUMO

Resenha do livro de Arthur Danto "O que é arte" (2013), tradução de Rachel Cecília e Debora Pazetto publicada em 2020.

Palavras-chave: Resenha. O Que é Arte. Arthur Danto.

ABSTRACT

Review to the Brazilian translation of Arthur Danto's (2013) "What is art" translated by Rachel Cecilia and Debora Pazetto and published in 2020.

Key-words: Review. What is Art. Arthur Danto.

A expressão “derradeiro olhar sobre a definição de arte” representa, adequadamente, o último livro de Arthur Coleman Danto (1924-2013), *What art is*, publicado originalmente em 2013, e que ganha tradução pelas mãos de Debora Pazetto e Rachel Cecília de Oliveira, sob o título *O que é a arte* (Belo Horizonte: Relicário, 2020). Além do cuidado em preservar a estrutura semântica do texto original, a despeito do fluxo quase oral do texto de Danto, as tradutoras experimentaram uma horizontalidade de gênero ao traduzir, sobretudo, as expressões *the artist* e *the philosopher*, que em inglês têm gênero neutro, por “a/o artista” e “a filósofa/o”, respectivamente. Além disso, vale mencionar as pontuais notas que situam o leitor e a leitora que não têm familiaridade tão afinada com a filosofia e/ou com a arte, além de indicarem as traduções em português das passagens citadas por Danto (muitas vezes sem as devidas referências, no original).

¹ DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.256185>

² Universidade Estadual do Paraná. E-mail: andersonboge@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8009-0250>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5690969862394264>.

O próprio título já nos chama atenção ao fato de que não se trata mais de uma pergunta sobre o que seja a arte, mas de uma afirmação. O que poderia soar pretensioso, dada toda a dificuldade e obstáculos que filósofas e filósofos enfrentaram na tarefa definicional da arte, ou ainda, como pontuam as tradutoras, pelo fato de que devido “[...] à pluralidade da própria prática artística, no século XXI é muito mais comum presenciarmos recusas da possibilidade de definir arte do que defesas” (p. 12). Contudo, as mesmas tradutoras atenuam essa suposta pretensão ao propor também o caráter aberto e não finalizado da proposição que dá título ao livro. Fazem isso em um ensaio introdutório intitulado “. . . não se segue que tudo é arte”, em que apresentam cada um dos capítulos que compõem o livro, além de situarem o trabalho no conjunto da obra do autor, amarrando pontas e recosturando o trajeto argumentativo de Danto.

Aliás, situar esse livro dentro do *corpus* dantiano é fundamental para entender aquilo que não está dito, mas que fora abordado anteriormente em outras obras, entre as quais *A transfiguração do lugar-comum*, de 1981, *O descredenciamento filosófico da arte*, de 1986, *Após o fim da arte*, de 1997, e *O abuso da beleza*, de 2003 – para citar aquelas que foram traduzidas no Brasil, ou também em *The Body/Body Problem: Selected Essays* [O problema corpo/corpo: ensaios reunidos] (1999), e ainda em artigos específicos, como o que serviu como ponto de partida para Danto na filosofia da arte, *O mundo da arte*, de 1964. As ideias e argumentos presentes nesses trabalhos aparecem explícita ou implicitamente nos seis capítulos que compõem *O que é a arte*. Vemos, assim, um Danto preocupado em refinar um pouco mais suas posições filosóficas, e tentando ser menos exclusivo nos exemplos utilizados.

Essa tentativa dantiana de refinamento conceitual aparece com mais veemência no primeiro capítulo, “Sonhos acordados”, que é também o mais longo, e pode ser tomado como o carro-chefe do livro. Mais uma vez, como é comum nas outras obras de Danto, apesar de usar o termo *arte*, o autor está se referindo quase exclusivamente às artes visuais, apesar de referências a artistas oriundos de outras expressões artísticas, como John Cage e Merce Cunningham. Danto esbanja um conhecimento considerável sobre o desenvolvimento das artes no século XX, mostrando um interesse também em ir

muito além de Andy Warhol e da Pop Arte, ao exemplificar o processo de assimilação do real pela arte. Não apenas Marcel Duchamp aparece ao lado de Andy Warhol, mas também os outros movimentos da segunda metade do século XX, Minimalismo e Arte Conceitual, ganham espaço.

O primeiro capítulo serve para uma vez mais Danto se afirmar essencialista, e revitalizar o conceito de mundo da arte, que segundo ele “[...] consiste em todas as obras de arte do mundo” (p. 77). Retoma, ainda, as duas condições necessárias definidas por ele desde *A transfiguração do lugar-comum, embodiment* [incorporação] e *aboutness* [sobre-o-quê], por meio da expressão *significados incorporados*. E, por fim, fazendo um paralelo entre a relação arte-realidade com a indistinção sono-vigília, exemplo tirado da primeira *Meditação* de Descartes, Danto acrescenta um terceiro elemento a sua definição de arte: o onírico (*dreamlike*), e passa a definir arte como “sonhos acordados”.

O elemento historiográfico foi e continua sendo um ponto fundamental na filosofia dantiana, como fica evidente mais uma vez no segundo capítulo, “Restauração e significado”, em que Danto demonstra muita familiaridade com um tipo de reconstrução historiográfica ao elaborar uma narrativa sobre o trabalho de Michelangelo na Capela Sistina. Aqui, vemos a aplicação de sua teoria sobre os significados incorporados, tomando como objeto de estudo a restauração mais recente pela qual passaram os afrescos de Michelangelo – cujas diversas etapas do restauro das lunetas, do teto, do *Juízo Final* e dos afrescos da parede se desenvolveram entre 1980 e o fim da década de 1990. A questão colocada por Danto é se aquela escuridão da abóbada que fora retirada durante a restauração era, simplesmente, pátina ou fuligem de fumaça de incensos e velas ao longo de anos, ou se havia algum significado metafísico oculto, quer dizer, se ao fim do processo “[...] o que foi retirado era sujeira ou significado” (p. 105). De modo que, ao trazer mais uma vez a relação intrínseca existente entre o significado da obra de arte e o objeto material que em parte a compõe, Danto reforça novamente a importância da interpretação no processo de identificação de obras no mundo da arte.

O segundo e o quarto capítulos se assemelham bastante por aplicar a outros âmbitos a discussão do autor entre arte e realidade, mas também por

tocar em dois problemas clássicos da teoria da arte: a disputa entre desenho e cor, no segundo capítulo, e o problema do *paragone*, em “O fim da disputa: o *paragone* entre pintura e fotografia”. *Paragone* é um termo italiano que significa “comparação”, e na teoria da arte nos remete ao paralelo entre as artes, que no Ocidente herdamos do poeta latino Horácio e seu *ut pictura poesis*, e que ganha novo fôlego no Renascimento. O *paragone* tratado por Danto é entre a pintura e a fotografia, que se estabelece a partir do momento em que o pintor Paul Delaroche atesta a “morte da pintura” após saber da invenção de Louis Daguerre, o daguerreótipo.

O ponto de partida da discussão de Danto, no quarto capítulo, é a ideia de que havia certa superioridade da fotografia pelo fato de, supostamente, ser capaz de mostrar a aparência real das coisas. Se fosse um fato inquestionável essa superioridade, de nada adiantaria pintores e pintoras continuarem o seu ofício, já que a câmera estaria mais apta a estabelecer uma verdade visual. No entanto, Danto nos chama atenção à diferença entre verdade visual e verdade óptica, e como normalmente esses conceitos são confundidos. E, aqui, Danto mais uma vez parece pôr frente a frente aquilo que faz parte mais diretamente da realidade objetiva das coisas e aquilo que depende de nossa interpretação ou está ligado ao modo como sentimos as coisas. Quer dizer, se a fotografia e seus *stills*, congelando e registrando o movimento, apresentam uma verdade óptica, esta não corresponde “[...] à verdade perceptiva, isto é, ao modo como vemos o mundo por meio de estereótipos” (p.162). De qualquer forma, a fotografia tem o seu valor para o advento do Modernismo, e Danto segue a trilha indicada pelo crítico Clement Greenberg, aludindo à influência causada, principalmente, na pintura de Édouard Manet. De modo que, se a fotografia nos apresentou a possibilidade de um olhar acurado, justamente daquilo que nosso olho não capta, os pintores ainda tiveram a chance de criar “seu próprio olhar”, como o Modernismo nos mostrou.

O terceiro capítulo, nomeado “O corpo na filosofia e na arte”, é uma tentativa de Danto conciliar duas dimensões de seu trabalho filosófico, a saber, a filosofia da arte e a filosofia da ação. Quanto a esta última área, duas obras são referências: seu livro de 1973, *Analytical Philosophy of Action* [Filosofia analítica da ação], que fazia parte de uma empreitada não findada

de escrever compêndios de filosofia analítica; e a coletânea de ensaios *The Body/Body Problem: Selected Essays*, de 1999, com um de seus capítulos fazendo menção direta à querela mente/corpo na história da filosofia. Para seus objetivos argumentativos, Danto recorre às concepções cartesianas sobre corpo e alma (mente) presentes em alguns escritos de René Descartes, como as *Meditações*, de 1641, ou o *Traité de l'homme* [Tratado do homem], de 1664, que possui uma edição em latim de 1662. Por sinal, as passagens citadas por Danto também não são referenciadas.

Para Descartes, o que está em jogo é “[...] a mente em sua condição incorporada” (p. 146), havendo uma independência lógica, segundo o argumento cartesiano do *cogito*, da mente em relação ao corpo. Mas, como diz o próprio Danto, o que lhe interessa é a existência de dois corpos, daí o título do terceiro capítulo. Um corpo que pode ser objeto de estudo da ciência, que pode ser manipulado e dissecado, e um corpo que vivencia sentimentos e emoções, apresentando uma outra versão do problema tratado no segundo capítulo entre a obra de arte e o objeto material, mas dessa vez traçando a relação entre o corpo físico e o corpo que sente e significa. A relação entre indiscerníveis segue como predileção de Danto.

Alguns autores e temas retornam nesse livro ao longo dos seis capítulos que o compõem. Entre alguns autores da teoria da arte com os quais Danto dialoga aqui e em trabalhos anteriores estão Richard Wollheim, Roger Fry e Hans Belting. Além desses, filósofas e filósofos obviamente são presença constante: Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz, mas, acima de tudo, Kant e Hegel. Alguns podem se inquietar com a abordagem pouco ortodoxa de autores clássicos como esses, principalmente pesquisadoras e pesquisadores especialistas da Filosofia. Por outro lado, Danto realiza um interessante trabalho de aproximação entre o pensamento filosófico ocidental com as questões do mundo da arte. Danto é um filósofo em geral associado à tradição analítica, pelo menos em seus primeiros passos, mas que nunca se alienou da filosofia continental, publicando livros como *Nietzsche as Philosopher* (1965) e *Jean-Paul Sartre* (1975).

Nesse sentido, no quinto capítulo, “Kant e a obra de arte”, Danto volta a tratar do cânone da estética ocidental, situando a *Crítica da Faculdade de Julgar* de Kant no panorama das experiências artísticas contemporâ-

neas. O que Danto faz é se concentrar em um momento mais pontual do livro de Kant, quando este introduz o conceito de *espírito*, e mostra que é por meio dessa noção que Kant pode ser associado não apenas à arte contemporânea, mas a qualquer período histórico da arte. Danto concentra suas atenções em um modo de pensar a arte numa esfera cognitiva. Mas, além de descrever a estética kantiana, ou o que Danto chama de “filosofia da arte de Kant” (p. 176), aproxima a noção de *ideia estética* do filósofo do século XVIII com o seu próprio empreendimento de definir arte como um *significado incorporado*, como se Kant estivesse interessado (ou, ao menos, consciente) em estabelecer condições necessárias à definição de arte. A ousadia da comparação, e o anacronismo, talvez perturbe os leitores e as leitoras mais conservadores.

Por fim, em “O futuro da estética”, Danto buscou pensar os rumos da filosofia da arte com a estética tendo seu papel restaurado na discussão filosófica. A dimensão estética da arte pareceu não ser uma prioridade do pensamento e das investigações feitas por Danto em seu percurso filosófico, talvez influenciado em demasia pela ruptura operada por Marcel Duchamp e seus *ready-mades*, que optou por explorar qualquer outra coisa menos o retinianismo, ou seja, as qualidades visíveis ao olho na apreciação artística. Danto estava envolvido em estabelecer uma definição de arte que não passasse por aspectos visuais das obras, e mesmo que reconheça uma dimensão estética nas *Brillo Boxes* originais, aquelas fabricadas por Andy Warhol, e que serviram de marco artístico para Danto, não se fizeram obras de arte por um motivo estético. Danto começa e termina *O que é a arte* tratando do problema da definição de arte que foi central ao seu percurso como filósofo. Ele mesmo reconhece ser este o tema norteador do livro. Mas, se a estética nem sempre foi o objetivo da arte, resta saber, segundo diz Danto, “[...] qual é o objetivo da estética” (p. 215). E, para tal, indica como alguns autores da filosofia contemporânea parecem ter tido sempre uma certa preocupação com um componente estético, de Peirce a Heidegger, passando por Wittgenstein, mesmo que esse elemento estivesse ocultado por preocupações ou projetos filosóficos de outras ordens.

O último livro de Arthur Danto é uma obra escrita com uma mão, filosófica e academicamente, mais leve e descompromissada do que outros

trabalhos seus, embora não menos intelectualmente sagaz. O Danto de *O que é a arte* é uma mistura do olhar especulativo do filósofo com a perspicácia e acuidade do crítico de arte. Nesse sentido, como colocam as tradutoras, o debruçar-se nesse livro, seja “[...] para concordar ou discordar das ideias do autor, é imprescindível para qualquer pessoa interessada no problema do que é a arte, do que ela não é, de qualquer coisa que fique entre essas opções ou que sirva para borrar ou reafirmar essa fronteira.” (p. 12).

Recebido em 05/06/2022

Aprovado em 30/09/2022

REFERÊNCIAS

DANTO, Arthur C. *O que é a arte*. Tradução de Debora Pazetto e Rachel Cecília de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

DANTO, Arthur C. **O Descredenciamento filosófico da arte**. Tradução de Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Filô/Estética, 4).

DANTO, Arthur C. **What art is**. New Haven & London: Yale University Press, 2013.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Tradução de Saulo Krieger. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

DANTO, Arthur C. “O mundo da arte”. In: D'OREY, Carmo (org.). **O que é a arte? – A perspectiva analítica**. Tradução de Vítor Silva e Desidério Murcho. Lisboa: Dinalivro, 2007.

DANTO, Arthur C. **Narration and knowledge**. New York: Columbia UP, 2007.

DANTO, Arthur C. **A transfiguração do lugar-comum**: uma filosofia da arte. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

DANTO, Arthur C. **The Body/Body Problem: Selected Essays**. Berkeley: University of California Press, 1999.

DANTO, Arthur C. **Jean-Paul Sartre**. Nova York: The Viking Press, 1975.

DANTO, Arthur C. **Nietzsche as Philosopher**. Nova York: Macmillan, 1965.

DESCARTES, René. **Meditações**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DESCARTES, René. **Traité de l'homme**. Paris, 1664.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 2016.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).